

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Conforme pesquisas desse Setor Técnico, verificamos que o primeiro proprietário do imóvel analisado foi o Sr. Rodolpho Grissi. De acordo com a pesquisadora e autora do Livro² sobre a família Grissi, Maria Helena Grissi Pertence, um dos primeiros Grissi a desembarcarem no Brasil foi Luigi Grizzo (avô de Rodolpho Grissi).

A imigração italiana no Brasil teve como ápice o período entre 1880 e 1930. Segundo estimativa da embaixada italiana no Brasil, vivem no País cerca de 25 milhões de descendentes de imigrantes italianos. Os ítalo-brasileiros estão espalhados principalmente pelos Estados do Sul e do Sudeste do Brasil. Segundo levantamento estatístico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), entre os anos 1884 e 1893 foram 510.533 italianos que desembarcaram no Brasil.

Os italianos começaram a imigrar em número significativo para o Brasil a partir da década de 1870. Foram impulsionados pelas transformações socioeconômicas em curso no Norte da península itálica, que afetaram sobretudo a propriedade da terra.

De acordo com Maria Helena Grissi, a Família friulana Grizzo (Luigi Grizzo e familiares), da região de Friuli-Veneza-Giulia, norte da Itália, especificamente da Província de Pordenone, desembarcou no Rio de Janeiro em 14 de janeiro de 1889. De acordo com a autora Maria Helena Grissi:

“Conforme o Registro de entrada dos imigrantes (livro 32 fls. 112 v. – Arquivo Nacional do Rio de Janeiro), procedentes do Porto de Gênova, vindos no Vapor Pacífica, com chegada em 14 de janeiro de 1889 e, provavelmente ficaram hospedados na Hospedaria da Ilha das Flores no Rio de Janeiro à espera de um local para se fixarem.”³

Desembarcaram com o Patriarca Luigi Grizzo, sua esposa Luigia Grizzo e seus filhos Antônio Augusto Grizzo, Rosa Grizzo, Maria Grizzo e Giovanni Grizzo (pai de Rodolpho Grissi). De acordo com as pesquisas de Maria Helena, a Família Grizzo ficou hospedada na Ilha das Flores por alguns dias e foram encaminhados para a Colônia Rodrigo Silva, localizada no município de Barbacena, Minas Gerais. De acordo com documento anexo⁴, a Família foi registrada em 21 de janeiro de 1889 em Barbacena com o nome alterado para Grice e ocuparam o Lote nº 152 onde desenvolveram a agricultura.

De acordo com as pesquisas de Maria Helena Grissi o nome da família possui variações ao longo dos tempos:

“As variações de sobrenome encontradas (GRIZZO, GRICE, GRISSI e GRIS) foram muitas, podendo ser de erros dos escreventes nos passaportes, ou sotaque dos imigrantes, ou mesmo por causa do rápido processamento diário de centenas de imigrantes chegados no Brasil. Portanto, já na Colônia, o sobrenome GRIZZO, passou a ser GRICE,

² PERTENCE, Maria Helena Grissi. Nossa Família. Grizzo – Grice – Gris – Grissi. 2003.

³ Documentação anexada à Nota Técnica.

⁴ Documentação pesquisada por Maria Helena Grissi no Arquivo Público Mineiro.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

sendo que, alguns familiares registraram como GRIS e, outros como GRISSI, mas é uma única família.”

Minas Gerais se tornou um dos maiores redutos da colônia italiana do Brasil. A imigração ficou dividida em dois segmentos: colonos agricultores que foram atraídos para os arredores de Belo Horizonte e trabalhadores para o café, atraídos para o Sul de Minas. Em 1900, já viviam no estado 70 mil italianos⁵.

Giovanni Gris (conforme registro de casamento, podemos verificar alteração do sobrenome) casou-se com Giusephina Toffolo em 18 de novembro de 1900 e tiveram 11 filhos, dentre eles, Rodolpho Grissi nascido em 28 de julho de 1905.



Figura 02 – Foto da família, nas extremidades do banco os pais (Giusephina e Giovanni) com os nove filhos. Ao centro Rodolpho Grissi. Foto integrante do acervo da família Grissi.

Rodolpho Grissi casou-se em 15 de junho de 1946 com Suzana Dazzi Grissi. Tiveram quatro filhos: Ângela Maria Dazzi Grissi, Rodolpho Dazzi Grissi, Lucas Dazzi Grissi e Renato Dazzi Grissi.

⁵ Atualmente, vivem em Minas Gerais 1,5 milhão de descendentes de italianos, representando cerca de 7,5% da população do estado. Curiosidades: O Cruzeiro Esporte Clube foi fundado em 1921 pelos italianos, como *Società Sportiva Palestra Italia* e só alterou seu nome devido a Segunda Guerra Mundial.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

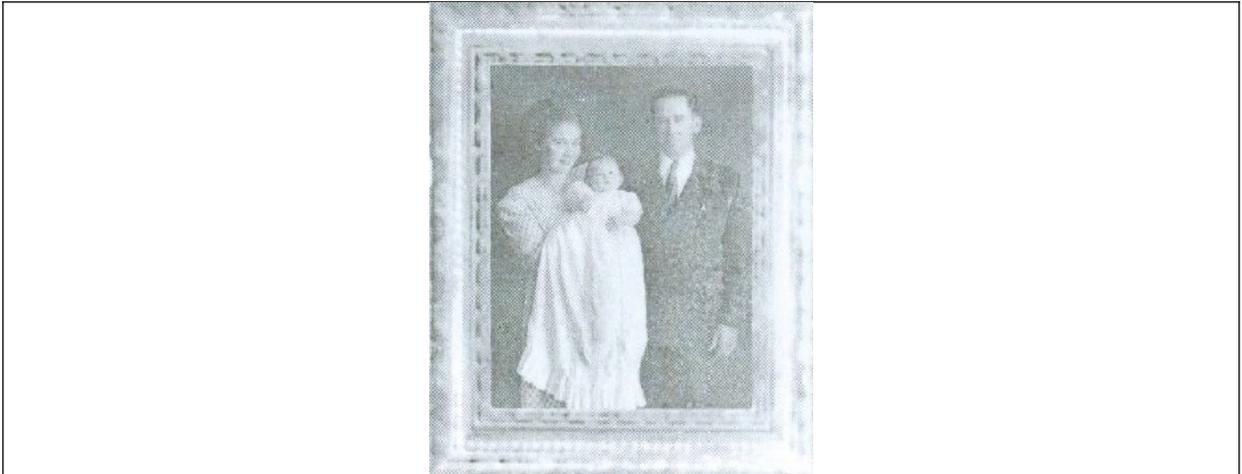


Figura 03 – O casal Rodolpho Grissi e Suzana Grissi com a filha Ângela.

Rodolpho Grissi foi morar em Ouro Preto com os familiares de sua mãe (Toffolo). Depois de algum tempo, mudaram para Belo Horizonte e em sociedade com o Tio Toffolo compraram a fábrica de Balas Suíça fundada em 1915. A fábrica funcionava na Avenida Olegário Maciel, nº 605 (antiga Avenida São Francisco).



Figura 04 – Foto integrante do acervo fotográfico da Família Grissi.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

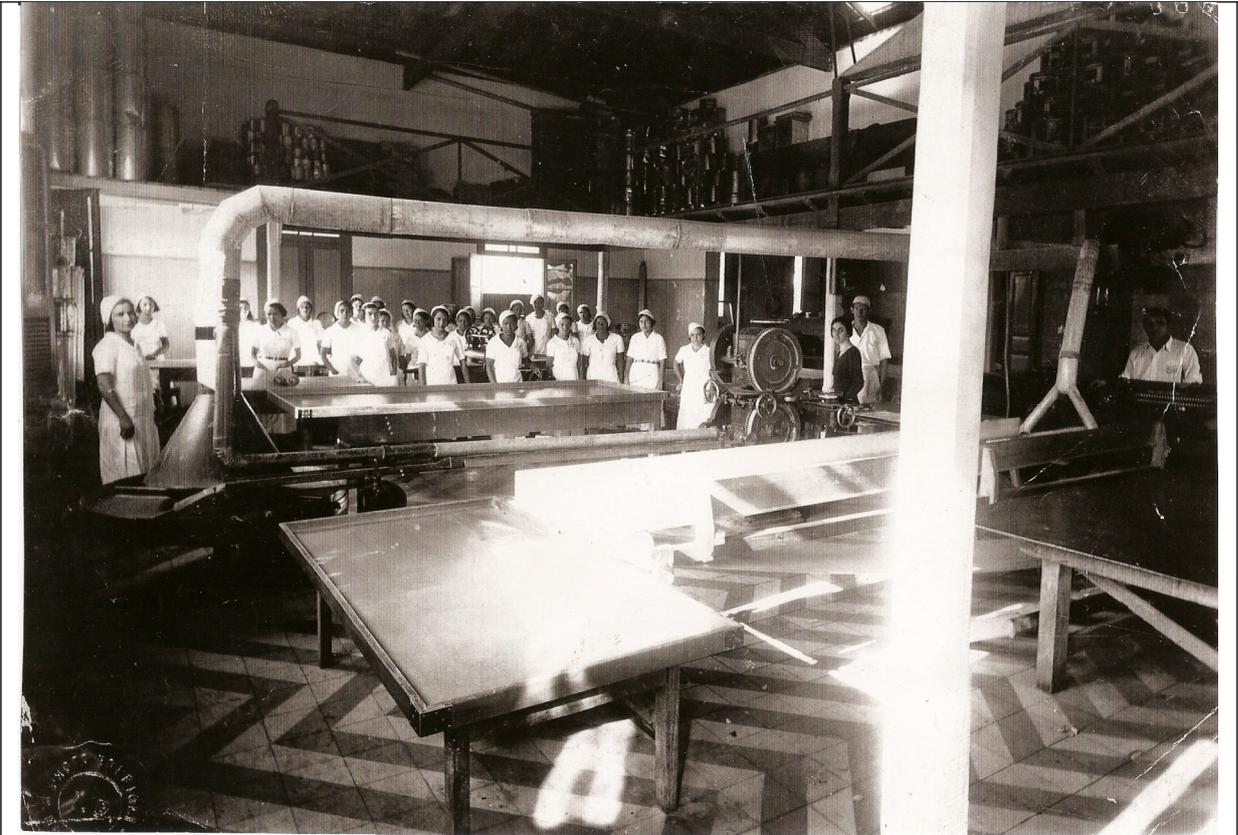


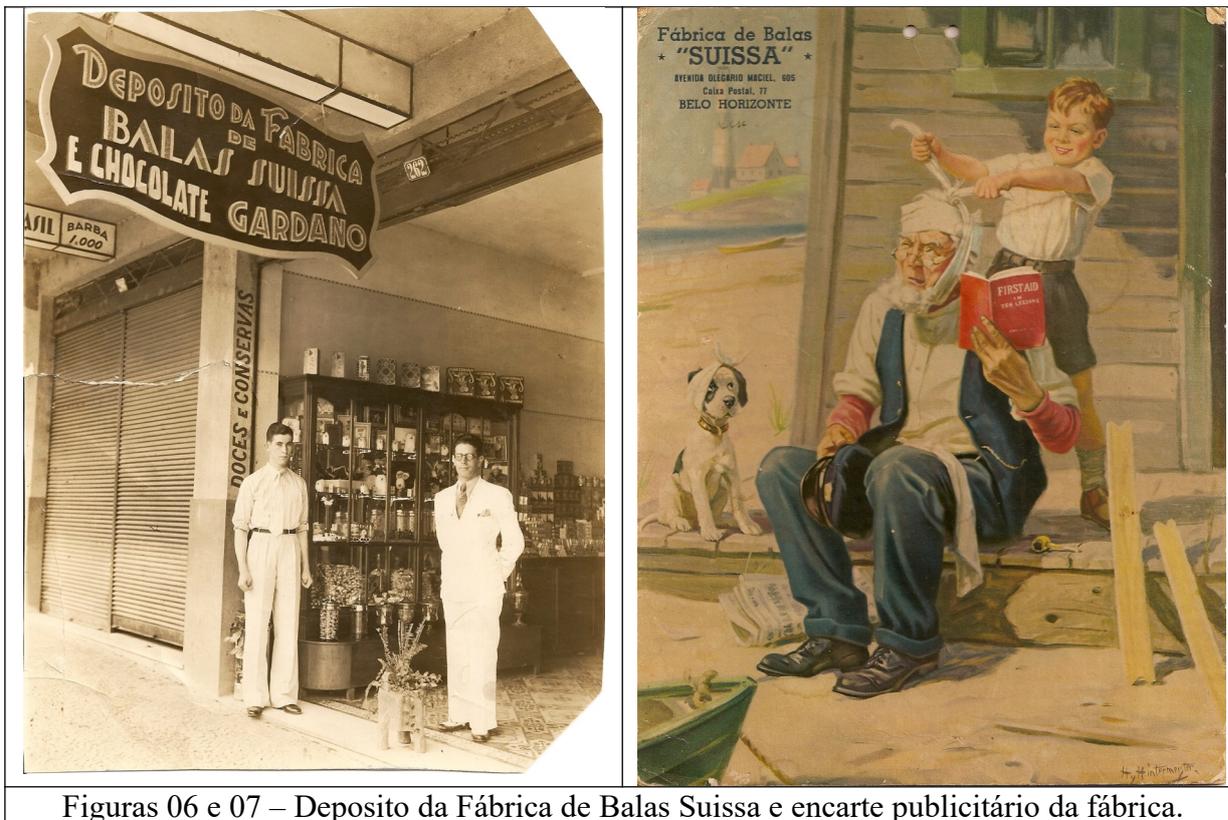
Figura 05 – Foto dos trabalhadores da fábrica. Foto retirada do acervo fotográfico da Família Grissi.

Dr. João Vicente Grissi, sobrinho do Rodolpho Grissi e membro aposentado do Ministério Público de Minas Gerais, morou com o seu tio e têm boas recordações deste que lhe ajudou muito. Relatou que era um homem muito caridoso e que não poupava esforços para ajudar ao próximo. De acordo com Dr. João Vicente Grissi, o seu tio era um excelente patrão, ajudava a todos os funcionários e ajudou muitos a construir a própria casa. *“Na fábrica sempre preocupava com a qualidade dos produtos e trabalhava muito.”* Segundo Dr. João Grissi, seu tio construiu ao lado da fábrica uma marcenaria para o seu primo, o qual ajudou a construir a casa em análise.

Segundo pesquisas de Maria Helena Grissi, as balas suissas foram premiadas pela sua qualidade. No livro “100 anos da Indústria em Belo Horizonte” - FIEMG/SESI - 1998, a pesquisadora encontrou o registro do seguinte diploma:

“A comissão organizadora da Feira Industrial Agrícola de Belo Horizonte, realizada em julho/agosto de 1932, de conformidade ao art.22 do Regulamento, aprovado pela Prefeitura Municipal e de acordo com a decisão do Júri, concede à firma GRISSI E TOFFOLO, Medalha de Ouro aos produtos: Balas, Caramelos, Bombons, etc. Belo Horizonte, 20/09/1932. A comissão organizadora”

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figuras 06 e 07 – Deposito da Fábrica de Balas Suissa e encarte publicitário da fábrica.

Os produtos da Fábrica Suissa eram deliciosos e possuíam embalagens maravilhosas, desde potes de vidros até latas desenhadas. Rodolpho Grissi preocupava-se tanto com a qualidade dos produtos quanto com a beleza dos mesmos.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figuras 08 e 09 – Uma das latas de balas da Fábrica. Na figura 08, os nomes Grissi e Toffolo e na figura 09, os dizeres: “Exija sempre as inigualáveis balas da Suíça”.

A Fábrica foi vendida em 1968 para o grupo Aymoré⁶. De acordo com o livro da FIEMG: “Em 1968, adquiriram todo o maquinário, as marcas e as patentes de Rodolpho Grissi e Cia. Ltda. – Fábrica de balas SUÍSSA, que foi fundada em Belo Horizonte no ano de 1915”.⁷

No dia 03 de agosto de 1995 aos 90 anos, morreu Rodolpho Grissi, sendo todos os seus bens direcionados para a viúva Suzana Dazzi Grissi.

De acordo com as pesquisas deste Setor Técnico, segue a cadeia dominial referente ao imóvel em análise:

- **14 de junho de 1926** - O lote de terreno número vinte e três (23) do quarteirão quatro (4) da oitava (8ª) seção urbana (onde está localizada a casa em análise) foi vendido pela Prefeitura de Belo Horizonte ao Sr. Luiz Mungo.
- **12 de outubro de 1932** – houve uma retificação da escritura sendo que o lote de terreno número vinte e três (23), do quarteirão quatro (4), da oitava (8ª) seção urbana desta cidade, passa a ser o lote vinte e seis (26), do mesmo quarteirão e seção.
- **07 de fevereiro de 1945** – o referido imóvel foi adquirido por D. Alzira Valente Mungo, viúva e meeira, Eurício Mungo, Elza Mungo, Iry Mungo, Íris Mungo, Emyr Tony Mungo e Eliza Mungo, mediante espólio de Luiz Mungo.
- **10 de fevereiro de 1945** - Metade do barracão nº 2987 da rua Timbiras, nesta cidade, metade do respectivo terreno constituído pelo lote vinte e seis (26) do quarteirão quatro (4) da oitava (8ª) seção urbana. Foi adquirida pelo Sr.

⁶ A história do grupo Aymoré começa em 1958. Os irmãos Severino, Santiago e Visitacion Ballesteros, imigrantes espanhóis da Galícia, que haviam chegado ao Brasil, na década de 1920, inauguraram uma fábrica de biscoitos na cidade Industrial de Contagem, com a razão social de Produtos alimentícios Cardoso S.A.

⁷ FIEMG/SESI. Livro: 100 anos da Indústria em Belo Horizonte, 1998, p. 70.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Edmundo Medeiros (transmitente: D. Alzira Valente Mungo, viúva, proprietária).

- **21 de maio de 1949** - o imóvel constituído pelo barracão nº 2987 da Rua Timbiras desta capital, e o terreno lote vinte e seis (26) do quarteirão (4) da oitava (8ª) secção urbana, foi adquirido pelo Sr. Rodolpho Grissi.
- **18 de janeiro de 1982** – mudança do número do imóvel. O número passa a ser R. Timbiras, número 2941.
- **24 de outubro de 2001**, a Cooperativa do Ministério Público de Economia e crédito mútuo dos integrantes do Ministério Público do Estado de Minas Gerais – LTDA – MPCRED, comprou o imóvel.
- **03 de agosto de 2006** foi publicado no “Minas Gerais” o Decreto de desapropriação do referido imóvel e declarado de utilidade pública para instalação da Sede da Promotoria de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural, Histórico e Turístico do Estado de Minas Gerais.

No dia 30 de agosto de 2010 foi realizada uma entrevista com os familiares do Sr. Rodolpho Grissi, Maria Helena Grissi, Zaira Moreira Grissi, Marli Zanton, Terezinha Grissi Cardoso. Segue abaixo alguns relatos da entrevista:

“Do tio Grissi me lembro bem, queria ajudar a todos e, a seu modo, tinha muito carinho com a gente. Ele nos incentivava em tudo. Ele era considerado o Patriarca da família, uma pessoa muito generosa. Eu era sua afilhada e ele sempre me deu muitos livros.”

Relato de Zaira Moreira Grissi (sobrinha do Rodolpho Grissi)

“Morei com o Tio Grissi, dos meus 9 aos 17 anos. Era muito generoso. Recordo-me quando o Tio Grissi dava balas para todas as crianças do Grupo Escolar Caetano Azevedo, no dia das crianças. Eu estudava no Grupo e lembro-me da alegria das crianças. Ele era muito sério e culto. Ele gostava muito do filósofo Espinosa e sempre nos orientava a ler livros do filósofo e demais leituras. Possuía uma biblioteca riquíssima. A casa era muito grande e existiam vários cômodos.”

Relato de Marli Zanton. (sobrinha do Rodolpho Grissi)

“Tio Grissi era uma pessoa maravilhosa, única. Era maçom e preocupava em fazer o bem. Não se preocupava com ele, não possuía carros caros. O seu prazer era ajudar ao próximo.”

Relato de Maria Helena Grissi (sobrinha do Rodolpho Grissi)

IV.1 – Breve histórico do Bairro Barro Preto⁸

⁸ O Breve histórico foi retirado do Dossiê de Tombamento do Conjunto Urbano Avenida Barbacena, Grande Equipamentos, elaborado pela Diretoria de Patrimônio Cultural – Fundação Municipal de Cultura em 2009, inclusive as fotos e legendas.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

De acordo com o histórico pertencente ao Dossiê de Tombamento do Conjunto Urbano Avenida Barbacena, Grandes Equipamentos, elaborado pela Diretoria de Patrimônio Cultural- Fundação municipal de Cultura em 2009, verificamos que:

“A região que hoje compõe o bairro Barro Preto já se mostrava presente nos projetos da Comissão Construtora da Nova Capital, tendo desempenhado importante função durante os anos iniciais de Belo Horizonte. Inicialmente, ela foi uma valiosa fonte fornecedora de matéria prima para a construção civil. Aliás, o nome que o bairro ostenta até os dias de hoje origina-se da grande quantidade de uma argila muito escura e viscosa encontrada em suas áreas pelos operários da construção da Capital, quando procuravam materiais como barro, cal, areia e outros recursos naturais, necessários para os serviços. Segundo Benvindo Lima, “era tão abundante o tal barro escuro que, para identificar o local, diziam: “È lá no barro preto”⁹. Vale lembrar que antes de ficar marcada por sua terra barrosa, a região já fora conhecida, na época do Curral Del Rei, por oferecer boas faíscas de ouro de aluvião, trazidas pelas águas dos córregos vindos da Serra¹⁰.

Outra importante função desempenhada pelo bairro nos primeiros anos da Capital foi a de abrigar parte da massa de imigrantes oriundos de várias regiões do Estado do Brasil e até do mundo, que vieram para trabalhar na construção da cidade. (...)



⁹ Benvindo Lima. *Canteiro da Saudade*: pequena história contemporânea de Belo Horizonte (1910-1950)

¹⁰ Abílio Barreto. *Belo Horizonte*: memória histórica e descritiva – história antiga e média. BH: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos, 1996. 2vol.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Figura 10 - Fachada da padaria Ítalo Brasileira, de propriedade de Demetrio Costa, localizada na rua Goitacazes. Final da década de 1930. Fonte: MHAB

Segundo as pesquisas realizadas pela Fundação Municipal de Cultura, a região do Bairro Preto recebeu em 1925 algumas melhorias em infra-estrutura para a moradia. Dentre elas o fornecimento de água, que foi realizado na administração do Prefeito Flávio dos Santos, *“responsável por uma grande extensão da rede de água e esgoto construídas¹¹. Importante obra dessa mesma administração foi a canalização do córrego do Leitão, entre as avenidas Paraopeba (Augusto de Lima) e São Francisco (Olegário Maciel), colaborando para o crescimento da ocupação do Barro Preto”*.



Figura 11 – Obras de canalização na Rua Mato Grosso. Data década de 1920. Fonte: MHAB

A região do Barro Preto abrigou uma das mais antigas paróquias de Belo Horizonte, a Paróquia de São Sebastião criada em 22 de dezembro de 1913 pelo Arcebispo de Mariana, Dom Silvério Gomes Pimenta. De acordo com as pesquisas da Fundação Municipal de Cultura, em 16 de junho de 1929 foi lançada a pedra fundamental da matriz a ser construída e a conclusão da mesma deu-se em 1953.

¹¹ Philip Fox-Drummond Gough. *O Contrapeso da Ordem.....*

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figura 12 – Igreja de São Sebastião, data de 1947 em construção. Fonte: MHAB.

De acordo com as pesquisas da Fundação Municipal de Cultura a porção Sul do Barro Preto “*conforma grande parte do perímetro do pedaço do Conjunto Urbano que convencionamos chamar de Grandes Equipamentos.*” Dentro dessa porção destaca-se “*no cenário urbanístico como marco de pontos referenciais da capital: a igreja de São Sebastião, o Cruzeiro esporte Clube, o Instituto São Rafael, o 12º batalhão da Infantaria, a Maternidade Odete Valadares, o Hospital Felício Roxo, o Edifício JK, o Fórum Governador Milton Campos e a Praça Raul Soares.*”

A influência desses equipamentos públicos e privados no Bairro Barro Preto foi um decisivo para o processo de ocupação da região. Segundo os estudos sobre o Bairro:

“Um dos mais antigos e mais impactantes equipamentos públicos da região local é o 12º Batalhão de Infantaria, unidade militar que se instalou no Barro Preto em 1919. O 12, como é popularmente conhecido, foi protagonista de um dos fatos mais marcantes da história do Barro Preto e ainda rememorado por seus moradores mais antigos, a Revolução de 1930.”

Outra influência importante, ressaltada pela Fundação Municipal de Cultura, para o Barro Preto foi o Cine Democrata, localizado na então avenida Paraopeba (atual Avenida Augusto de Lima). Inaugurado em 08 de novembro de 1927, o Cine Democrata foi transformado em Cine Roxy (1957), o qual era conhecido por exibir filmes de arte (não comerciais) durante as décadas de 1970 e 1980. “*No entanto, na medida em que o Barro Preto foi consolidando sua vocação par ao comércio modelero, o Cine Roxy foi entrando em decadência até ser fechado definitivamente em abril de 1995.*”

De acordo com as pesquisas da Fundação Municipal de Cultura:

“A presença significativa de imigrantes no Barro Preto, particularmente, a de italianos, foi fundamental para a conformação da identidade do

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

local, determinando a implantação de importantes equipamentos esportivos naquela região.

A colônia italiana em Belo Horizonte foi a responsável pela introdução do futebol na cidade e pela criação dos primeiros times. O mais significativo deles foi o Yale, fundado em 1906 e proprietário de um campo de futebol localizado, não por acaso, no Barro Preto, no local onde, atualmente, encontra-se o Fórum. Interessados em fundar um clube que representasse e integrasse a colônia italiana, um grupo formado pelas famílias Savassi, Mancini, Lodi e Noce reuniu-se e fundou, em 1921, a Società Sportiva Palestra Itália. Um ano depois, o Palestra Itália, atual Cruzeiro Esporte Clube. (...) Clube do Cruzeiro, que ocupa 13.400 metros quadrados do Barro Preto, consistindo em um importante referência histórica para os belo-horizontinos.”

A Lei nº 98 de 1936 criou a zona industrial de Belo Horizonte, sendo que um grande número de indústrias da Capital deslocou-se das imediações da Praça Rui Barbosa para o Barro Preto, onde se instalaram indústrias de porte, como a Cia de Cigarros Souza Cruz.

A construção da Praça Raul Soares em 1936 foi um marco na paisagem urbana do Barro Preto, “que se tornou, a partir daí, a porta de entrada do bairro.” A Praça Raul Soares foi recentemente restaurada e faz parte dos bens tombados do Município de Belo Horizonte.



Figura 13 – Vista da Praça Raul Soares e região do Barro Preto (à direita). Data provável: 1946. Fonte: Arquivo Público de Belo Horizonte.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

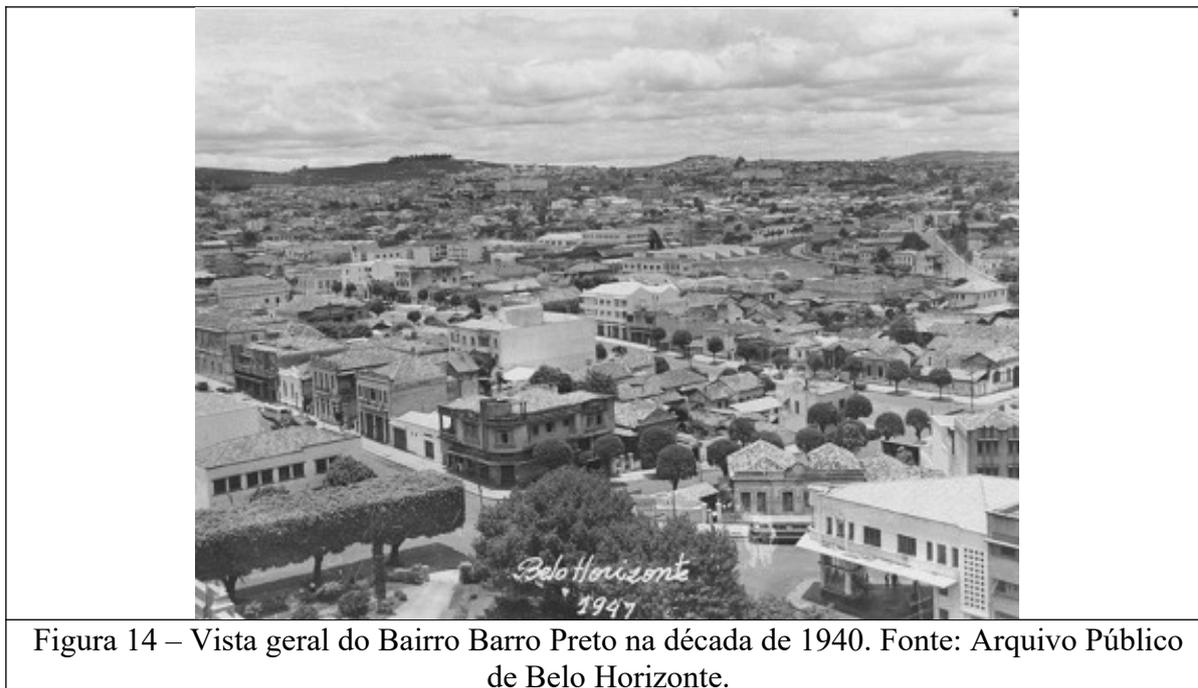


Figura 14 – Vista geral do Bairro Barro Preto na década de 1940. Fonte: Arquivo Público de Belo Horizonte.

Segundo a análise histórica da Fundação Municipal de Cultura:

“(...) a porção do bairro localizada entre as Avenidas Augusto de Lima e Amazonas. Nesta região, além de um conjunto de edificações residenciais de melhor padrão construtivo e ocupadas por famílias de maior renda, consolidaram-se várias atividades voltadas para a prestação de serviço, fato ocorrido em função dos grandes equipamentos públicos e privados que nela foram edificados.”

V – ANÁLISE ARQUITETÔNICA

Em análise ao microfilme da edificação em questão, verifica-se que a casa da rua Timbiras teve o projeto aprovado na prefeitura de Belo Horizonte em 1949, tendo sido edificada pelo construtor José Ribeiro Lima, por encomenda do Sr. Rodolpho Grissi.

A edificação no estilo eclético tardio com influências diversas é térrea e encontra-se implantada na parte frontal de terreno relativamente plano, de grandes dimensões, possuindo afastamentos frontal e laterais.

Em análise ao projeto, verifica-se que a edificação passou por algumas reformas para adequação aos vários usos que abrigou, desde a sua construção para fins residenciais, passando por escola infantil, cooperativa do Ministério Público de Minas Gerais até os dias de hoje, funcionando como sede da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais.

Entretanto, poucas alterações ocorreram na planta original permitindo distinguir no espaço a sua distribuição original. Além disso, foram conservados vários dos seus elementos autênticos. A cobertura de telhas francesas, característica da época da construção foi mantida,

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

assim como os ornamentos junto ao beiral imitando as peças de madeira que sustentavam as coberturas. As amplas esquadrias de madeira no sistema guilhotina permanecem no local, em pleno funcionamento, com contrapesos embutidos na estrutura de madeira. Internamente, foram mantidas algumas portas originais, inclusive de armários, com molduras decorativas.

Internamente, há em vários ambientes rodapés decorativos dando acabamento requintado no encontro das paredes com os tetos. O grande destaque está nos pisos de madeira tipo parquet, formado pela união de diversas plaquetas de madeira, de cores diversas, compondo variados mosaicos e desenhos geométricos, presente em sete ambientes da casa, sendo de maior requinte o piso do antigo hall de entrada, primeiro cômodo da casa.

Ressalta-se que há possíveis influências maçônicas na paginação dos pisos, devido ao fato do Sr. Rodolpho Grissi ser maçom, tais como:

- a) Pavimento Mosaico reflete a Maçonaria, em suas diferentes cores e opiniões; a polaridade positiva e negativa da natureza, e a dualidade do bem e do mal, por cujo labirinto deve o iniciado encaminhar-se oscilante ou decidido, mas sempre perigosamente, em direção à perfeição (representado por uma série de quadrados alternadamente brancos e pretos, que lembram o tabuleiro de xadrez, jogo de origens sagradas, e de relevantes significados simbólicos).
- b) A Orla Dentada também é representada nos pisos de alguns ambientes. (Cada dente tem o formato de um triângulo. O Triângulo expressa a espiritualização dos Maçons que partindo da individualidade unem-se de forma indissolúvel, em torno de um ideal).
- c) Esquadros.

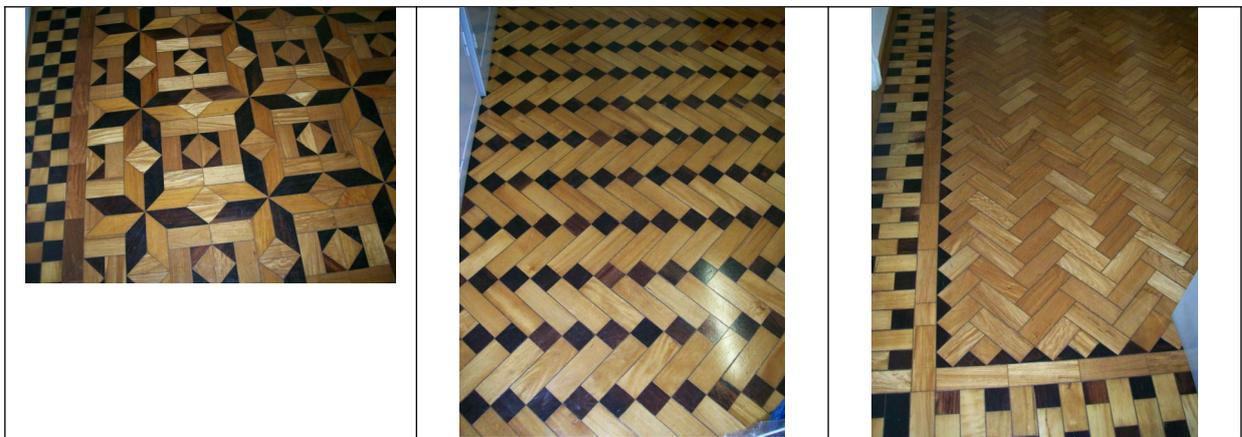


Figuras 10 e 11 – Hall de entrada e sala de reunião.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

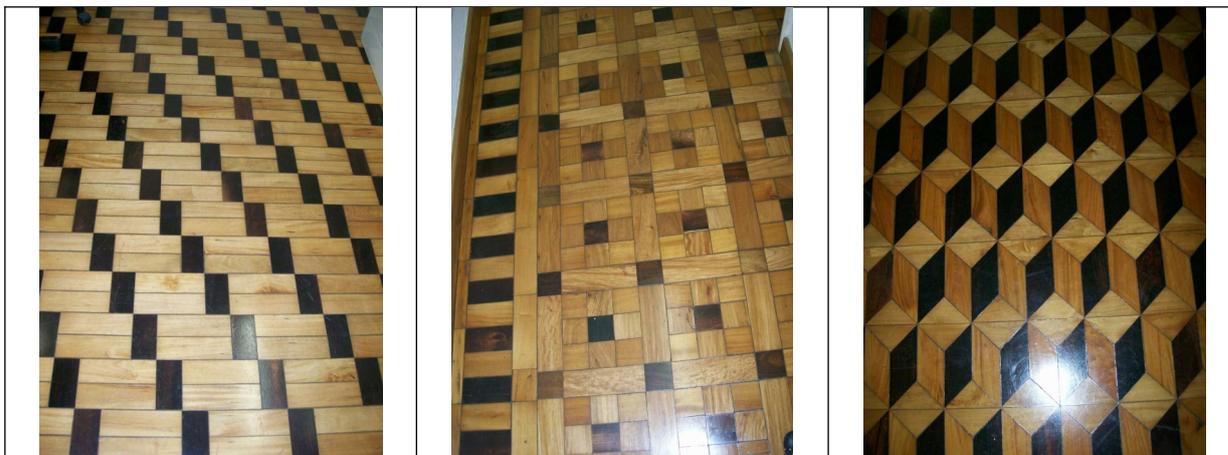


Figuras 12 e 13 – Figura 12 os quadrados alternados. Figura 13, seta vermelha representa a Orla Dentada.



Figuras 14, 15 e 16 - Os pisos de madeira tipo parquet foi trabalhado de formas diferentes em cada ambiente.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



Figuras 17, 18 e 19 - Os pisos de madeira tipo parquet foi trabalhado de formas diferentes em cada ambiente.

VI - CONCLUSÕES E SUGESTÕES:

Patrimônio cultural é o conjunto de todos os bens, materiais ou imateriais, que, pelo seu valor próprio, devam ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura de um povo. O patrimônio é a nossa herança do passado, com que vivemos hoje, e que passamos às gerações vindouras. Como dizia o filósofo romano Cícero, “*A história é mestra da vida, luz da verdade e testemunha dos tempos*”. É no passado que se encontra o futuro. É na história que se devem buscar os ensinamentos capazes de construir o futuro.

A identidade de uma população se faz, também, através da preservação do Patrimônio Cultural. Este patrimônio deve ser visto como um grande acervo, que é o registro de acontecimentos e fases da história de uma cidade. O indivíduo tem que se reconhecer na cidade; tem que respeitar seu passado.

O Manifesto de Amsterdã¹² prevê: “Importa, portanto, conservar vivos os testemunhos de todas as épocas e de todas as experimentações”. E “Os poderes locais, aos quais compete a maioria das decisões importantes em matéria de planejamento, são todos particularmente responsáveis pela proteção do patrimônio arquitetônico e devem ajudar-se mutuamente através da troca de idéias e de informações.”

Como Kevin Lynch¹³ afirma, não percebemos a cidade como um todo, mas partes dela com as quais o cidadão se identifica ou estabelece algum vínculo. Esta percepção fragmentada permite o surgimento de marcos, cartões postais, elementos que se destacam física e afetivamente do conjunto da cidade, formando sua identidade.

O patrimônio cultural está cada vez mais ameaçado de destruição não somente pelas causas tradicionais de degradação, mas pela vida social e econômica que a agrava através de

¹² Adotada pelo Comitê dos Ministros do Conselho da Europa, em 26 de setembro de 1975, a Carta Européia do Patrimônio Arquitetônico foi solenemente promulgada no Congresso sobre o Patrimônio Arquitetônico Europeu, realizado em Amsterdã, de 21 a 25 de outubro de 1975.

¹³ Bacharel em planejamento de cidades no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (ITM) (*Massachusetts Institute of Technology (MIT)*) em 1947. Lynch promoveu diversas contribuições ao campo urbanístico através de pesquisas empíricas em como os indivíduos observam, percebem e transitam no espaço urbano.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

fenômenos de alteração ou de destruição, ainda mais sensíveis. O desaparecimento ou a degradação do patrimônio cultural constitui no empobrecimento do patrimônio municipal, e conseqüentemente o estadual e federal. Tanto para o Poder Público quanto para os particulares, o patrimônio cultural, como direito difuso (pertencente indistintamente a todos os cidadãos), é sempre indisponível e deve ser preservado em atenção inclusive às gerações futuras.

O imóvel em questão representa o estilo ítalo-brasileiro presenciado em Minas Gerais no início do século XX (os primeiros anos após a construção da capital de Minas Gerais, Belo Horizonte). A participação da Família Grissi no contexto sócio-econômico (Fábrica de Balas Suissa) deste período em Belo Horizonte representa a influência desta família no Bairro Barro Preto. O estilo de vida e o imóvel construído pelo Patriarca Rodolpho Grissi são marcos culturais que caracterizam a importância cultural vivenciada no Bairro Barro Preto.

A edificação em questão possui valor cultural¹⁴, ou seja, possui atributos e significados que justificam a sua permanência.

Acumula valores formais (estético, arquitetônico), afetivos, históricos (de antiguidade), testemunho e identidade. Constitui-se referencial simbólico para o espaço e memória da cidade com significados histórico e arquitetônico dignos de proteção.

O órgão responsável pela preservação do patrimônio cultural de Belo Horizonte (Fundação Municipal de Cultura) está em fase de levantamento histórico do Bairro Barro Preto.

O primeiro passo para a preservação de um bem é conhecê-lo. É a partir do inventário que são planejadas ações diversas, até mesmo a decisão sobre a recomendação de tombamento. Por meio do inventário, as informações relativas ao bem ficam registradas de forma perene. Um imóvel documentado, descrito e cadastrado em inventário fica mais protegido, por exemplo, contra uma possível descaracterização. O inventário também pode contribuir para o trabalho de recuperação, quando já tiver acontecido transformações, seja pelo tempo, por acidente ou por ação humana inadequada.

Portanto, por seu valor cultural, sugere-se que o imóvel receba proteção a se iniciar pelo inventário, visando protegê-lo de eventuais destruições ou descaracterizações. Ao concluir os estudos elaborados pela Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte em relação ao Bairro Barro Preto, o imóvel deverá ser analisado como integrante deste conjunto por ser uma das poucas edificações representantes do período.

São essas as considerações do Setor Técnico desta Promotoria, que se coloca à disposição para o que mais se fizer necessário.

Belo Horizonte, 10 de setembro de 2010.

¹⁴ “O valor cultural não é intrínseco, mas criado, instituído historicamente, no seio da interação social e, por isso, nem é imutável, nem homogêneo. Mais ainda: o conflito é seu berço e trajetória naturais, pois não está desvinculado de interesses de indivíduos, grupos e sociedades e assim, por sua natureza política, precisa ser declarado, proposto, legitimado, tornado aceitável ou desejável”. BEZERRA DE MENESES. Valor cultural, valor econômico: encontros e desencontros.



Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

Andréa Lanna Mendes Novais
Analista do Ministério Público – MAMP 3951
Arquiteta Urbanista – CREA-MG 70833/D

Karol Ramos Medes Guimarães
Analista do Ministério Público
Historiadora – MAMP 3785



Rua Timbiras, n.º 2941 - Barro Preto - Belo Horizonte-MG - CEP 30140-062
Telefax (31) 3250-4620 – E-mail: cppc@mp.mg.gov.br

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

ANEXOS



CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SECRETARIA EXECUTIVA/ARQUIVO NACIONAL
COORDENAÇÃO-GERAL DE PROCESSAMENTO E PRESERVAÇÃO DO ACERVO
COORDENAÇÃO DE DOCUMENTOS ESCRITOS

Nº: 180/2008

Em cumprimento ao despacho exarado do requerimento, de **MARIA HELENA GRISSI PERTENCE**, autuado sob o nº 458, em 13 de agosto de 2008, no qual solicita certidão de desembarque de **LUIGI GHISZO E FAMÍLIA**, registrada às fls. 112, do Livro de Registro de Entrada de Imigrantes - Hospedaria da Ilha das Flores nº 32, do Fundo Departamento Nacional do Povoamento, **CERTIFICO** que, revendo o referido documento arquivado na Coordenação de Documentos Escritos, dele consta o seguinte: “[**Dados comuns a todos**]: Entrada] – [Data]: 14/01/1889; [Procedência]: Genova; [Navio em que veio]: V. I. Pacífica; [Nação]: Itália; [Profissão]: operários; [Saída]: E.F.P. 2º; [Destino]: Barbacena; [Pessoas da família]: 6; [Nº da família]: 978 / [**Dados específicos**]: [Nº Geral]: 5766; [Nome]: Luigi Ghiszo; [Sexo]: masculino; [Idade]: 58 anos; [Estado Civil]: casado; [Parentesco]: chefe / [Nº Geral]: 5767; [Nome]: Luígia Ghiszo; [Sexo]: feminino; [Idade]: 44 anos; [Estado Civil]: casada; [Parentesco]: esposa / [Nº Geral]: 5768; [Nome]: Augusto Ghiszo; [Sexo]: masculino; [Idade]: 20 anos; [Estado Civil]: solteiro; [Parentesco]: filho / [Nº Geral]: 5769; [Nome]: Rosa Ghiszo; [Sexo]: feminino; [Idade]: 2 anos; [Estado Civil]: solteira; [Parentesco]: filha / [Nº Geral]: 5770; [Nome]: Maria Ghiszo; [Sexo]: feminino; [Idade]: 1 ano; [Estado Civil]: solteira; [Parentesco]: filha / [Nº Geral]: 5771; [Nome]: Giovanni Ghiszo; [Sexo]: masculino; [Idade]: 10 anos; [Estado Civil]: solteiro; [Parentesco]: enteado”. E para constar onde convier, eu, Jorge Macieira Souza, datilógrafo-SIII, passei presente certidão que assino. *Jorge Macieira Souza* E eu, Fátima Maria Fontoura da Silva-especialista de nível médio-SIII, a conferi e assino. *Fátima Maria Fontoura da Silva* Rio de Janeiro, 11 de outubro de 2008. *Mauro Lerner Markowski* Mauro Lerner Markowski, coordenador da Coordenação de Documentos Escritos do Arquivo Nacional.

Arquivo Nacional – COPRA – Coordenação de Documentos Escritos – Praça da República, 173 – Rio de Janeiro, RJ – 20211-350 – Tel: (21) 3806-6158 – 3806-6159 – Fax: (21) 3806-6158 / Correio Eletrônico: doc.escritos@arquivonacional.gov.br

1

Figura 20 – Certidão de desembarque de Luigi Ghiszo e família, expedida pela Coordenação de Documentos Escritos do Arquivo Nacional.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
MEMORIAL DO IMIGRANTE

CERTIDÃO DE DESEMBARQUE

PROTOCOLO - Nº 10176/07

CERTIFICO constar do Livro de Registro de Imigrantes da Hospedaria de São Paulo,
018 página 007:-

do nosso acervo documental, os seguintes dados de LUIGI GRIZZO

Nacionalidade: italiana

Filiação: nada consta

Data de Nascimento ou Idade: 35 anos Sexo: masculino

Estado Civil: nada consta Profissão: agricultor

Navio: "PACIFICA"

Origem: nada consta

Destino: nada consta

Passaporte Nº: nada consta

DATA DE DESEMBARQUE: Entrada na Hospedaria de S.Paulo em 19 de Janeiro de 1889.

Chefe ou Responsável: O próprio.

Composição da Família: LUIGIA, esposa(32 anos)filhos: Augusto(20 anos) Rosa(13 anos) Maria
(10 anos) e Giovanni(08 anos).
Obs:-Família procedente do Rio de Janeiro.

São Paulo, 07 de dezembro de 2007



Responsável pelo levantamento da informação

WALDIR ROBBI
RG:2.928.682-7



Diretor(a) do Memorial do Imigrante

pl ANA MARIA DA C. L. VIEIRA
RG 3.883.295-1
Silmara B. Novo
Diretora Administrativa
Memorial do Imigrante

Figura 21 – Certidão de desembarque onde consta o Registro de Imigrantes da Hospedaria de São Paulo.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA
ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

CERTIDÃO

Certifica-se, a pedido de **MARIA HELENA GRISSI PERTENCE**, residente à Rua Camapuã, nº 730 - apt. 504, Bairro Grajaú, Belo Horizonte, Minas Gerais, em 18 de Outubro de 1999, que, ao rever no Arquivo Público Mineiro o Livro **SG - 807, Nucleo Colonial Rodrigo Silva, Registro de Immigrantes, Registro de Nascimento e Obitos, cidade de Barbacena**, é possível extrair as seguintes informações: **PÁG. 31 e 32**: Data da chegada: 21 Janeiro 1889; Número de ordem: 716; Número de pessoas de família: 7; Sexo: masculino: 3, feminino: 4; Nome: **GRICE LUIGI**; Idade: 55 anos; Estado: casado; Religião: catolica; Naturalidade: italianna; Número de ordem: 717; Nome: **GRICE LUIGIA**; Idade: 33 anos; Estado: casada; Religião: catolica; Naturalidade: italianna; Observações: faleceu em Outubro 1889; Número de ordem: 718; Nome: **GRICE ANTONIO**; Idade: 21 anos; Estado: solteiro; Religião: catolica; Naturalidade: italianna; Número de ordem: 719; Nome: **GRICE GIOVANNI**; Idade: 11 anos; Estado: solteiro; Religião: catolica; Naturalidade: italianna; Número de ordem: 720; Nome: **GRICE ROZINA**; Idade: 3 anos; Estado: solteiro; Religião: catolica; Naturalidade: italianna; Número de ordem: 721; Nome: **GRICE MARIA**; Idade: 1 ano; Estado: solteiro; Religião: catolica; Naturalidade: italianna; Número de ordem: 722; Nome: **GRICE FIORINA**; Idade: 57 anos; Estado: viúva; Religião: catolica; Naturalidade: italianna; Informações extraídas por: Sônia Maria Gonçalves - Masp.: 370.658-7, Sufoncalves. Conferido por: Eliane Dutra Amorim, Masp 351.199-5, Diretora de Arquivos Permanentes

Por ser verdade, dou fé. Edilane Maria de Almeida Carneiro, Edilane Maria de Almeida Carneiro Diretora Superintendente do Arquivo Público Mineiro



Figura 22 – Certidão expedida pelo Arquivo Público Mineiro referente a data de chegada da família Grice no Núcleo Colonial Rodrigo Silva em Barbacena.

Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico

152

Francine Enrico
Chegou em 21 Janeiro 1889

— lote n.º 152 —

Alimentação feita	Importância	Observação
Transporte ao lote	5,200	Nada se retirou em 1889 de 89, para o lote para transporte a
Alimentação a chegada	9,1900	
Medicamentos	2,4000	
Outros P.	18,450	
<hr/> <i>Erice Luigi</i> Chegou em 21 Janeiro 1889 <hr/>		
Transporte ao lote	11,000	em Abril 1889 Maio " Junho " Julho " Agosto " Set. " Out. " Nov. "
Alimentação a chegada	19,1800	
Utensílios e vestimentas	36,225	
Medicamentos	38,850	
Valor da casa	355,226	
Em dinheiro	50,000	
"	50,000	
"	50,000	
"	50,000	
"	50,000	
"	50,000	
"	50,000	
Transporte	854,101	

Figura 23 – Documentação que comprova a ocupação do Lote n.º 152 no Núcleo Núcleo Colonial Rodrigo Silva em Barbacena. Gastos com transporte ao lote, alimentação, medicamentos, dentre outros.

